

**Internacionalização e mobilidade estudantil:  
identidades de estudantes estrangeiros  
(re)significadas pelos Letramentos Acadêmicos no  
Ensino Superior Brasileiro, o caso da UFSJ**

*Internationalization and student mobility: foreign students' identities (re)signified by Academic Literacies in Brazilian Higher Education, the case of UFSJ*

*Internacionalización y movilidad estudiantil: las identidades de los estudiantes extranjeros (re)significadas por las alfabetizaciones académicas en la enseñanza superior brasileña el caso de la UFSJ*

Paula Aparecida Diniz Gomides  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
paulagomides@ufmg.br  
<https://orcid.org/0000-0002-4699-4309>

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo  
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)  
socorronunes@ufsj.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0003-3103-3203>

Grazielly Aparecida de Almeida  
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)  
graziellyalmeida@outlook.com.br  
<https://orcid.org/0000-0003-3559-6476>

**RESUMO**

Debatemos os resultados de uma pesquisa que trata da recepção de estudantes estrangeiros no Ensino Superior brasileiro, em processos de cooperação internacional. Entrevistamos quatro estudantes estrangeiros, vinculados a uma instituição pública de Minas Gerais. As entrevistas semiestruturadas versaram sobre a entrada dos estudantes em nosso país e adaptação às práticas de letramentos acadêmicos vivenciadas cotidianamente por eles. Elas foram realizadas presencialmente, a partir de um roteiro semiestruturado, no segundo semestre de 2017 no campus da universidade. Em meio à compreensão sobre as expectativas e também dificuldades encontradas, verificou-se que a língua e a cultura foram elementos importantes para que processos adaptativos fossem delineados. Nossas considerações ponderam que as identidades dos estudantes

estrangeiros são (re)significadas em meio ao engajamento nas atividades acadêmicas, principalmente na troca, proveniente do contato com os colegas brasileiros.

**Palavras-chave:** Internacionalização. Ensino superior. Identidades. Estudantes estrangeiros.

## ABSTRACT

*We discuss the results of a research that deal with the reception of foreign students in Brazilian higher education, in the processes of international cooperation. We interviewed four foreign students from a public institution in Minas Gerais. The interviews were about the students' entrance into our country and their adaptation to the academic literacy practices they experience on a daily basis. Amidst the understanding of the expectations and also the difficulties encountered, we noticed that language and culture were important elements for the adaptive processes to be outlined. Our considerations consider that the identities of foreign students are re-signified in the midst of the engagement in academic activities, mainly in the exchange that comes from the contact with Brazilian colleagues.*

**Keywords:** Internationalization. Higher education. Identities. Foreign students.

## RESUMEN

*Discutimos los resultados de una investigación que aborda la recepción de estudiantes extranjeros en la educación superior brasileña, en procesos de cooperación internacional. Entrevistamos a cuatro estudiantes extranjeros, vinculados a una institución pública de Minas Gerais. Las entrevistas semiestructuradas versaron sobre la entrada de los estudiantes en nuestro país y su adaptación a las prácticas de alfabetización académica que experimentan a diario. En medio de la comprensión de las expectativas y también de las dificultades encontradas, observamos que la lengua y la cultura eran elementos importantes para perfilar los procesos de adaptación. Nuestras consideraciones consideran que las identidades de los estudiantes extranjeros se resignifican en medio del compromiso con las actividades académicas, especialmente en el intercambio, a partir del contacto con los colegas brasileños.*

**Palabras clave:** Internacionalización. La educación superior. Identidades. Estudiantes extranjeros.

## Introdução

O presente artigo nos traz a possibilidade de refletir sobre a forma como os estudantes estrangeiros em mobilidade estudantil são acolhidos em uma universidade brasileira. Gusmão (2011) nos oferece algumas pistas ao indicar que ser estrangeiro seria adentrar na *terra do outro*, processo que indicaria uma negação das diversas identidades por meio das quais um indivíduo se constitui. *Na terra do outro*, o estrangeiro passa a adotar apenas a identidade que lhe cabe: a de alguém cujo país de origem é outro, tendo

invisibilizada e reduzida sua cultura, raça e crenças à uma única condição de trânsito entre países diferentes. Em decorrência dessa condição de *trânsito*, em muitos casos estes também se denominam como *passageiros*, afirmando que a permanência se dará por um tempo determinado e por isso, sua condição de estrangeiro é transitória (GUSMÃO, 2011).

Enfocamos os estudantes estrangeiros que adentram em uma instituição brasileira e se destacam por diferenças, fortemente influenciadas por sua cultura e identidade. Analisamos como ocorre a (re)significação das identidades de estudantes estrangeiros no processo de apropriação de Letramentos Acadêmicos, na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), baseando-nos em entrevistas realizadas por Santos (2019). Em termos identitários, entendemos esses estudantes como pessoas vinculadas a um contexto histórico, marcado por práticas letradas, influenciadas pelas relações de poder, envolvendo valores, crenças, culturas e subjetividades (LEA; STREET, 1998). Atualmente, algumas pesquisas no Brasil enfocam a temática dos letramentos acadêmicos pelo viés da internacionalização (MACEDO; BARROSO, 2010; MACEDO; GOMIDES, 2020; MACEDO, 2021), tendo em vista questões linguísticas, identitárias e demais desafios que essa transitoriedade pode ocasionar.

Esse artigo é fruto de uma dissertação de mestrado, realizada entre 2017 e 2019, que analisou as estratégias mobilizadas por estudantes estrangeiros para a construção de seus letramentos acadêmicos no Ensino Superior Brasileiro. O contexto no qual se deram as investigações foi a UFSJ, universidade com fundação recente, situada no interior de Minas Gerais. Dentre 14 entrevistas realizadas na pesquisa original, destacamos quatro casos trabalhados neste artigo, com estudantes advindos do Timor Leste (sudeste asiático), São Tomé e Príncipe (África), Cabo Verde (África) e Alemanha (Europa). Nossa investigação se inscreve no rol de evidências coletadas pelo Grupo de Pesquisa em Alfabetização, Linguagem e Colonialidade (GPEALE) que se ocupa, dentre outros temas, de investigar os processos de internacionalização nas universidades brasileiras. Realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, alicerçada nos estudos de caso, buscando compreender a apropriação dos letramentos e identidades no Ensino Superior.

Lea e Street (1998) passaram a inaugurar um campo de estudos, motivados pela curiosidade em compreender qual o perfil de estudantes estrangeiros ingressantes no Ensino Superior em momentos de expansão universitária em diferentes países do mundo. A quebra de expectativas das demandas universitárias e as produções entregues pelos

estudantes resulta em um fenômeno que ainda é largamente percebido com o *discurso do déficit*, resultado de um processo de culpabilização do aluno, quando este demonstra um desempenho aquém do esperado. Ao abordarem o modelo de letramentos acadêmicos Lea e Street (1998) passam a afirmar que as práticas letradas exercidas neste âmbito são fortemente influenciadas por relações de poder, não podendo, a escrita, ser transferível a qualquer contexto social, tampouco entendida como uma habilidade que se aprende de forma única e neutra.

Ao contrário disto, os estudantes constituem identidades múltiplas, provenientes de seu contexto sócio-histórico, passando a adotar discursos específicos (LEA; STREET, 1998). Os discursos (re)produzidos no interior da academia condicionam determinada estrutura e a agência, valorizando um limitado conjunto de posições e características próprias do campo acadêmico, relacionadas a forma como se deve escrever, reproduzir ou rechaçar certas posições e características. Mobilizamos neste texto a noção de *identidades* de Stuart Hall (2006), entendendo que a globalização oportunizou a diminuição das barreiras culturais, potencializando a ideia de identidades como algo fragmentado e fluido. Hall (2006) nos convida a refletir sobre a crise identitária que se contrapõe à construção da identidade nacional, face ao avanço da globalização e das migrações entre os países. Em resumo, não caberia a ideia de uma única e fixa identidade nacional, uma vez que somos influenciados por diferentes vias ao consumo cultural que significa e (re)significa nossas crenças e ações cotidianamente.

Por sua vez, a internacionalização do ensino superior, responsável pela mobilidade de milhares de estudantes das universidades, a partir de programas de cooperação e acordos internacionais entre os países, é uma ferramenta que pode impulsionar a relação intercultural e linguística. As políticas de internacionalização no Brasil estão pautadas em ações que priorizam o estímulo a parcerias internacionais com pesquisadores e universidades situados no Norte Global (MACEDO, 2020; MACEDO; GOMIDES, 2020). O significado da internacionalização está relacionado à ideia de qualidade ou de excelência, dada a equiparação das universidades internacionalizadas a grandes centros de produção científica e tecnológica. Portanto, ao associarmos os letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 1998) e a noção de identidade proposta por Hall (2006) aos processos de internacionalização, propomos um diálogo voltado para as realidades vivenciadas pelos

estudantes estrangeiros, sobretudo àqueles que adentram nas universidades ainda com baixo potencial de internacionalização, como é o caso da UFSJ.

Os resultados demonstram que há identidades (re)significadas, desencadeadas pelas interações cotidianas entre estrangeiros e brasileiros, dentro e fora da universidade. Os modos de agir, o diálogo, o auxílio e principalmente, o esforço na compreensão do outro, proporcionaram a (re)significação das identidades de ambos os agentes das interações (brasileiros e estrangeiros). Este texto está organizado da seguinte maneira: inicialmente apresentamos o contexto dos letramentos acadêmicos e a (re)construção identitária no ensino superior, logo depois, nosso percurso metodológico. Em seguida, analisamos os discursos de quatro estudantes estrangeiros vinculados à UFSJ em 2017, e, finalmente, algumas considerações.

## **Letramentos Acadêmicos e a (re)significação identitária nos convênios internacionais**

O processo de internacionalização das universidades, desde as últimas décadas, vem se tornando parte das políticas voltadas para o ensino superior brasileiro. “A internacionalização é marca das relações entre as universidades” (MOROSINI, 2006, p. 108) e está estreitamente relacionada com a globalização. A UFSJ figura como uma universidade com estratégias de internacionalização ainda em desenvolvimento, mas com ações que buscam uma maior interação entre brasileiros e estrangeiros nas relações de mobilidade bilateral. Essas ações se constituem por diferentes atividades mediadas pela Assessoria Internacional como aulas de Língua Portuguesa para Estrangeiros, Viagens e Gincanas Culturais e programas de Apadrinhamento Cultural. Essas ações dialogam com as políticas nacionais para a internacionalização, uma vez que os documentos destacam a capacidade de criação de redes de cooperação científica, para uma formação em nível global e desenvolvimento científico e cultural, promovidos por meio de acordos internacionais (CAPES, 2017; UFSJ, 2014).

Nos processos de internacionalização, os países buscam proporcionar experiências que contribuam para trocas interculturais e avanços nas relações internacionais. Porém, cabe compreender quais os reais motivos dessas ações em nosso país. A internacionalização do ensino superior é, sobretudo, um jogo de poder. Quando consideradas internacionalizadas, as instituições e Programas de Pós-Graduação alcançam

maior visibilidade no mundo globalizado, o que favorece a atratividade delas a investimentos financeiros nacionais e internacionais. Diferentes estratégias podem ser desenvolvidas neste processo como a criação de redes de pesquisa internacional, a mobilidade estudantil ou docente, a publicação em periódicos bem qualificados internacionalmente e o desenvolvimento de pesquisas ou aulas, preferencialmente em língua inglesa (KNIGHT, 2004).

As migrações para outras cidades e países com o objetivo de realização de estudos superiores é um fenômeno que está ancorado à criação das universidades no mundo, iniciando a partir do século XI, fortemente influenciado pela busca por uma maior qualificação, com a procura por universidades e professores reconhecidos. Patterson (1997) nos mostra que a presença de estrangeiros em determinados países para fins de estudos na Universidade de Bolonha, Oxford ou Cambridge causou estranhamento na sociedade, o que tem consequências na constituição identitária desses ingressantes. O fenômeno da mobilidade internacional no Brasil também não é novo. Os próprios brasileiros eram condicionados à realização de estudos superiores em Portugal na Universidade de Coimbra, criada em 1290, até a criação das primeiras faculdades, durante o período Imperial (1822-1889).

Em um cenário mais recente, a busca pela formação superior em outros países demarca também a crise da universidade nacional, tendo em vista a falta de recursos investidos nas instituições e a busca pela diversificação da formação em áreas que ainda estão se desenvolvendo em nosso país. Alguns estímulos importantes para o envio de brasileiros ao exterior é o *Programa Ciências sem Fronteiras*, que funcionou entre 2011 e 2017, ofertando cerca de 104 mil bolsas de iniciação científica a alunos brasileiros em universidades de excelência. Outro exemplo é o *Programa Erasmus*, fundado em 2004 pela União Europeia e que permite a mobilidade de estudantes e professores e a *Fundação Carolina* que oferta bolsas de estudos para a Espanha e países ibero-americanos. Esses Programas, assim como os acordos internacionais bilaterais, estreitam as ações de internacionalização nas universidades e têm sido amplamente defendidos como medidas que demarcam qualidade e excelência.

Analisando mais de perto a recepção de estrangeiros nas instituições brasileiras, o trabalho de Macedo e Barroso (2010) ilustra dificuldades de adaptação inerentes a essa inserção de estudantes internacionais. É muito comum que se considere que estudantes

provenientes de países lusófonos não apresentariam problemas ao adentrarem nas universidades brasileiras, em decorrência de utilizarem o português como idioma oficial. Contudo, esse estudo mostra que no caso de estudantes africanos o fato de conhecerem o idioma em situações formais de socialização não garante a eles o sucesso no meio acadêmico. Isso porque, em primeira instância, o português, língua oficial em países africanos como Cabo Verde e Guiné Bissau, não é do português de Portugal, seu colonizador, mas sim, uma língua com marcas identitárias de cada país. Além disso, é prudente considerar as situações em que o português é utilizado em diferentes contextos sociais pelos quais transitam esses estudantes em seus países de origem, língua oficial do país, língua falada no cotidiano dos estudantes, face aos processos colonizadores, dentre outros fatores.

Em concordância, Santos (2019) indica a relação entre usos sociais da língua e a proficiência demonstrada no Ensino Superior brasileiro, não apenas para estudantes africanos, mas também para estudantes de países asiáticos como o Timor Leste. Além de compreender os diferentes usos sociais nos quais a língua pode transitar, é imprescindível que os estudantes compreendam as diferentes demandas que o contexto acadêmico impõe a eles em práticas que envolvem a leitura e a escrita. Isso nos leva a pressupor que é necessário que as políticas públicas educacionais sejam pensadas para uma inserção acolhedora destes estudantes pelas instituições, com a devida explicitação sobre as diferentes demandas que o contexto requer (LEA; STREET, 1998).

Os processos de letramentos acadêmicos dos estudantes, em que as práticas de leitura e escrita estão centradas em aspectos sociais, como a produção de sentidos no uso dessas práticas, as relações de poder e as identidades, constituem a realidade vivenciada por estudantes estrangeiros no contexto das instituições brasileiras de nível superior. Como ações dependentes dos processos históricos, sociais e culturais, os processos de leitura e escrita não são neutros (FIAD, 2016). Essas ações, exercidas no campo acadêmico, são influenciadas por todo contexto que envolve os sujeitos, antes e depois da inserção destes na instituição.

A partir da atuação dos estudantes estrangeiros no ambiente universitário, as práticas de leitura e escrita são construídas na relação com os agentes que também são influenciados pelas práticas sociais externas à universidade. Nesses processos de inserção de estrangeiros nas universidades, entendemos que os Novos Estudos do Letramento e as

teorias sobre identidade (HALL, 2003), são aspectos que compreendem o sujeito como um ser sociocultural, pertencente a um contexto histórico, permeado por práticas letradas, que é influenciado por relações de poder, emaranhadas por valores, crenças, culturas e subjetividades (LEA; STREET, 1998).

Em nosso país, predomina um idioma, que geralmente não é o dominado pelos estudantes pesquisados por Santos (2019), mesmo sendo, alguns deles, advindos de países lusófonos, este fato *per se*, não garante casos de sucesso no uso da língua portuguesa. Na entrada de estudantes estrangeiros no ensino superior, há o contato com uma cultura diferente, em face do contexto acadêmico, em geral, diferente de outros contextos sociais conhecidos. As construções identitárias desses estudantes estrangeiros, põem à prova a ideia de identidade como algo integral e originário do sujeito. “As pessoas assumem identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2003, p. 13).

Hall (2003, p. 15-16) demonstra que “a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”. Por isso, as identidades são elementos construídos e reconstruídos continuamente, uma vez que prescindem do entendimento sobre o funcionamento das regras sociais que imperam nos contextos que esses indivíduos habitam. A identidade se configura e reconfigura no contato com o outro e na troca com o outro. Diz-se daí que há identidade(s), no plural e que estas não podem ser analisadas a partir de uma concepção fixa, mas sim, através de construções fluidas e em constante recomposição:

Projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, o que contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2003, p. 12).

Logicamente, as identidades não coexistem sem a interferência das relações de poder e diferentes concepções de raça, cultura e da própria identidade, previamente construídas pelos indivíduos em interação. Hall (2003; 2006), busca desconstruir a ideia da determinação biológica, tendo em vista apenas as heranças herdadas geneticamente. Para além disso, a realidade dos sujeitos se constrói a partir de suas construções discursivas, considerando, inclusive, realidades externas à linguagem. A cultura, a relação de pertencimento e a identidade são elementos complexos construídos a partir de



diferentes canais. No ensino superior brasileiro é necessário que os estudantes estrangeiros se lancem em canais que permitam sua identificação com esse contexto social, tornando mais fácil sua apropriação das identidades e letramentos requeridos e mobilizados.

Os estudantes narraram, na dissertação de Santos (2019), acontecimentos que influenciaram (re)construções identitárias, que estão em constante modificação (HALL, 2003). Algumas situações são os processos tensos de aprendizagem do Português brasileiro, que se faz por diferentes estratégias como a participação em aulas de língua portuguesa e o estabelecimento de um contato mais efetivo com os colegas brasileiros. Essas narrativas são analisadas, com o objetivo de demonstrar que os estudantes estrangeiros, além de serem influenciados pelo contexto acadêmico, constroem compreensões de si a partir das práticas sociais dentro e fora da universidade nas quais se engajam.

## Percurso metodológico do trabalho

Os dados utilizados para as análises, relacionados aos objetivos deste texto, advém das entrevistas semiestruturadas realizadas por Santos (2019). Buscando investigar os discursos dos sujeitos, apresentamos questões relativas às suas experiências no ambiente acadêmico. Originalmente, foram entrevistados 14 estudantes, oriundos da Alemanha, Chile, Cabo Verde, França, Honduras, México, Peru, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, com o objetivo de compreender os desafios e as estratégias dos acadêmicos para lidarem com as demandas do ensino superior brasileiro. Destas 14 entrevistas, são enfocadas apenas quatro como recorte para a produção deste artigo. Além das entrevistas, a autora acompanhou diferentes práticas de letramentos acadêmicos nas quais esses alunos foram estimulados a se engajar, pela mediação da Assessoria Internacional da instituição.

A presente investigação pode ser caracterizada como uma pesquisa qualitativa, caracterizada como um estudo de caso, já que enfocamos estudantes estrangeiros inseridos na UFSJ, tendo em vista a realidade da instituição e as demandas e limitações que uma universidade em processo ainda incipiente de internacionalização oferece. Como principal instrumento de pesquisa, utilizamo-nos de entrevistas semiestruturadas coletadas no ano de 2017 com os estudantes matriculados na referida instituição. Para

André (2013), um estudo de caso qualitativo em educação pode ser instrumentalizado a partir de três pressupostos: i) atitude aberta e flexível do pesquisador; ii) a utilização de variadas fontes de coleta de dados, visando compreender melhor os fenômenos observados; e iii) a postura ética do pesquisador que demonstra ao leitor de maneira clara os passos a partir dos quais construiu suas análises.

Neste recorte, utilizamos entrevistas de estudantes matriculados nos cursos de Engenharia de Produção, Engenharia Agrônômica, Bioquímica e Psicologia: Anderson, Marisa, Jéssica e Laura, provenientes de quatro diferentes regiões do mundo, respectivamente: Timor Leste (sudeste asiático), São Tomé e Príncipe (África), Cabo Verde (África) e Alemanha (Europa). As entrevistas duraram entre 30 a 40 minutos e, dentre outros aspectos, foram abordadas as experiências deles na chegada ao Brasil e as dificuldades culturais ou linguísticas, além das estratégias para melhor lidarem com as dificuldades e se engajarem nos letramentos acadêmicos. As transcrições ocorreram com o objetivo de compreender os discursos dos estudantes, tendo em vista que o ato de transcrever diz respeito à reescrita de um texto que não foi propriamente escrito (BOURDIEU, 2007).

As entrevistas semiestruturadas ocorreram entre os meses de agosto e setembro de 2017 e versaram sobre as experiências destes com a escolha de seu respectivo curso, as motivações que os trouxeram ao Brasil, relatos sobre o cotidiano acadêmico destes estudantes, suas dificuldades e estratégias para lidarem com as dificuldades. Questionamos sobre a mediação oferecida pela Assessoria Internacional, recebendo retornos positivos sobre a recepção e o acompanhamento destes durante a realização dos cursos. Não foi necessária a presença de intérprete para as entrevistas, uma vez que todos os participantes demonstraram determinado domínio da língua portuguesa. Durante a realização da coleta de dados havia na instituição cerca de 28 estudantes estrangeiros provenientes de países Latino Americanos, Asiáticos e Africanos, em sua maioria.

O quadro a seguir ilustra características básicas dos participantes cujas entrevistas são analisadas neste artigo, tendo em vista o pseudônimo adotado para a proteção das identidades dos participantes, seus países de origem, o Programa de Cooperação por meio do qual eles se vinculam à instituição, o tipo de mobilidade exercida, o curso e o período em que cada um se encontrava na data de realização das entrevistas:

Pseudônimo	Nacionalidade	Programa	Mobilidade	Curso	Tempo no Brasil em 2017
Anderson	Timor Leste	Cooperação Brasil - Timor Leste	Mobilidade de Grau	Engenharia de Produção	2 anos e 11 meses
Jéssica	Cabo Verde	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G	Mobilidade de Grau	Bioquímica	3 anos
Laura	Alemanha	LMU - Brasil	Mobilidade de Crédito	Psicologia	6 meses
Marisa	São Tomé e Príncipe	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G	Mobilidade de Grau	Engenharia Agrônômica	1 ano e 11 meses

**Quadro 1** - Identificação dos participantes da pesquisa

Fonte: Adaptado de Santos (2019)

A UFSJ, sendo uma instituição que propõe processos de internacionalização, como forma de integração e parceria com outras instituições de ensino superior, conta com muitos Programas e acordos de cooperação. Em geral, esses acordos se baseiam na cooperação bilateral, por meio da qual para cada aluno brasileiro enviado ao exterior, um estrangeiro é recebido na instituição como intercambista. Contudo, a universidade mantém um processo de internacionalização incipiente em comparação a outras instituições de ensino superior brasileiras. A Assessoria Internacional da instituição cuida da recepção desses estudantes, facilitando a emissão de documentos inerentes à sua estadia no Brasil, desenvolvendo viagens e outras atividades culturais para o (re)conhecimento do país e mediando as relações entre os estudantes estrangeiros e brasileiros, que atuam de forma voluntária como ‘padrinhos’.

Em relação aos Programas aos quais os estudantes cujas entrevistas são analisadas neste artigo, indicamos que Anderson do Timor Leste faz parte do programa Cooperação Brasil - Timor Leste. Jéssica e Marisa de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, respectivamente, fazem parte do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G, e Laura advém do programa de intercâmbio. É pertinente esclarecer que Anderson, Marisa e Jéssica vieram ao Brasil para cursar toda a Graduação, em mobilidade de grau,

diferentemente de Laura, que veio objetivando a mobilidade de crédito (intercâmbio), vinculada à universidade por um período de seis meses. Destacamos ainda a importância do PEC-G para a recepção de estudantes latino-americanos e africanos em nosso país, selecionando entre 2000 a 2019 cerca de 10.670 estudantes (MACEDO; GOMIDES, 2020).

Utilizamos para nos ajudar a analisar os discursos dos estudantes os pressupostos de Ivanič (1998) que entende a produção discursiva a partir dos papéis sociais assumidos pelos agentes em interação ou comunidade discursiva. Nosso enfoque é na busca pelos sentidos produzidos nos relatos dos entrevistados ao abordarem a forma como tem sido a experiência de estudos no Brasil, face à construção identitária que se dá na apropriação dos letramentos acadêmicos inerentes aos cursos aos quais eles se vinculam. Ivanič (1998) afirma que na esfera acadêmica os discursos são construídos a partir de valores e interesses da comunidade acadêmica, considerando, inclusive, as ideologias e as relações de poder que permeiam esses espaços.

Em um país estrangeiro, as identidades dos estudantes estrangeiros passam por (re)configurações, tendo em vista as diferenças culturais e muitos são os recursos mobilizados para que eles possam se adaptar ou rechaçar as interferências que esse deslocamento, que não é apenas físico provoca. Hall (2003) afirma que na contemporaneidade, as identidades se encontram em um estado fragmentado a partir de recortes de classe, gênero, etnia, raça, nacionalidade, dentre outros elementos. Esse processo leva a uma crise de identidade por meio da qual o indivíduo já não consegue se definir puramente como algo estático, por isso, a identidade tem ganhado cada vez mais um caráter diaspórico (HALL, 2003).

No processo de análise dos discursos, a partir da leitura das entrevistas, encontramos aspectos que se relacionam à perspectiva dos letramentos acadêmicos e das identidades desses estudantes, posto que as identidades estão em constante (re)construção, principalmente quando envolve a interação com elementos do contexto acadêmico brasileiro. Na próxima seção apresentamos alguns subsídios teóricos que nos auxiliam na análise da forma como os estudantes estrangeiros se percebem em meio a um país desconhecido, com práticas de letramentos acadêmicos produzidas na universidade. Buscamos evidenciar como estes estudantes agem e reagem em interação, em face das demandas do contexto acadêmico.

## Estudantes estrangeiros: internacionalização, contextos acadêmicos e políticas linguísticas

Passamos nesta seção a debater sobre os resultados das entrevistas analisadas. Os estudantes estrangeiros na instituição, vivenciam situações que exigem conhecimentos sobre gêneros textuais acadêmicos, produções avaliadas pelos professores. De acordo com Lillis e Scott (2007), a produção de textos escritos no contexto acadêmico é, e continua sendo, o principal meio de avaliação das universidades. No Brasil não é diferente. Com base neste entendimento, notamos nas falas as dificuldades quanto ao processo de escrita e interpretação dos textos unicamente em língua portuguesa, trabalhados nos cursos.

É interessante indicar que, desde o início do curso, uma política linguística é clara: as atividades, principalmente para alunos em mobilidade de grau são requeridas em português não raro, os estudantes se sentem prejudicados quando não atendem minimamente às questões ortográficas em seus textos. Um fato que nos inquieta é que, à sua maneira, determinados professores da UFSJ favorecem, para alunos em mobilidade de crédito, a entrega de atividades em seu idioma materno, em geral, inglês ou espanhol. Esse favorecimento não é algo imposto pela instituição, mas sim negociado entre os docentes e os estudantes de forma individualizada.

Laura, a intercambista alemã, diz que um dos obstáculos em estudar no Brasil é:

*“[...] a ortografia e o léxico das palavras [...] quando você escreve, você usa palavras diferentes das palavras que usou na fala” (Laura – Psicologia – 6 meses).*

A partir do seu ponto de vista, entendemos sua percepção quanto à complexidade da língua portuguesa, no que diz respeito à escrita demandada pela academia, em comparação à comunicação oral. Segundo Fiad (2009, p. 5), “escrever não é apenas uma questão de saberes linguísticos, mas também de desejo, de projeto e de negociações”. O ato de escrever envolve questões subjetivas e contextuais. Quando um aluno estrangeiro escreve, antes de sua escrita acontecer, ele projeta, negocia e, acima de tudo, deseja escrever. Contudo, diferentes expectativas são projetadas e essa tensão entre a fala e a escrita reflete nas produções avaliadas no contexto acadêmico.

Esse movimento de escrita ilustrado não apenas por Laura, mas também por Anderson, Jéssica e Marisa, ocorre com o auxílio de outros, colegas ou amigos que se

colocam como interlocutores dos estrangeiros. Os colegas brasileiros leem os trabalhos antes de serem entregues, colaborando na reescrita dos textos e até mesmo auxiliando nas respostas às atividades, realizando registros escritos de respostas orais proferidas pelos estrangeiros. Tendo em vista que escrever um texto é reescrever algo para enunciar o que, de alguma maneira, já foi enunciado por outros, é possível defender que a prática de escrita dos estudantes estrangeiros é influenciada por outros discursos (FIAD, 2009). Esse fato é nítido quando Jéssica explica que realiza a Iniciação Científica, uma oportunidade de envolvimento com pesquisas, ainda durante a Graduação oferecida a todos os estudantes. Por meio do engajamento nesta prática de letramento, Jéssica precisa escrever resumos, relatórios e apresentar trabalhos. Quando questionada sobre as dificuldades na vinculação a um curso superior, a estudante responde:

*“Eu acho que foi as matérias na escola mesmo, na sala de aula, relatório de aula prática... A gente tem muita aula prática, aí tem que fazer relatório. Eu, no meu caso, eu faço iniciação científica, aí eu trabalho no laboratório lá da faculdade. De vez em quando tem que fazer, eu tenho que escrever resumos, para apresentar trabalhos, para fazer banner, tudo isso tem que fazer. Teve assim, com meu orientador, de vez em quando também ele ensina, passa como escrever, às vezes eu procuro na internet também, colegas. [...] acho que foi mais no início, assim, que eu não tinha noção de nada. Porque eu vim do ensino médio direto para universidade, não sabia nada por nada mesmo. Foi um pouco difícil, ter que fazer aqueles relatórios, não sabia o que era para fazer” (Jéssica – Bioquímica – 3 anos).*

Inseridos em cursos no ensino superior brasileiro, esses estudantes se engajam em práticas de letramentos acadêmicos típicas deste ambiente, como a Iniciação Científica ou a Monitoria. Consideramos um ganho, já que a universidade não parece fazer distinções entre estudantes estrangeiros e brasileiros, em relação ao acesso a essas oportunidades, não limitando a participação de estrangeiros. Ao contrário, a universidade estimula a participação dos estrangeiros nas atividades que contribuem com seu desenvolvimento. A vinculação ao curso superior parece ensejar um rol de práticas e eventos de letramento (LEA; STREET, 1998) por meio das quais os estudantes devem transitar, como pontua Jéssica ao relatar sobre as apresentações de trabalho em congressos, por exemplo. O engajamento nestas atividades pressupõe a necessidade de aprender a se apropriar das práticas de letramentos acadêmicos típicas.

As falas dos entrevistados apresentam aspectos identitários, reconhecidos por eles em situações vivenciadas, tanto no contexto acadêmico, quanto fora dele. Entendemos que essa associação ao processo de reconstrução identitária ocorre em cada situação vivenciada. Por meio dos processos de apropriação de letramentos acadêmicos, os estudantes também apresentam significações diferentes em relação aos processos de aprendizagem. Pensando o caso de Jéssica que, mesmo tendo proximidade com o idioma falado no Brasil, por ser proveniente de um país lusófono, no início do seu processo de adaptação no ambiente universitário brasileiro, apresentou dificuldades na compreensão das disciplinas do curso, o que ocasionou em reprovações que tornaram mais distante sua conclusão:

*“Acho que é porque eu tive muita dificuldade em algumas matérias, não entendia muita coisa, mas foram as matérias do início, do primeiro ano que eu comecei, aí foi travando todo o curso” (Jéssica – Bioquímica – 3 anos).*

Em outras falas de Jéssica, notamos que o aspecto social também é mais desafiador, pois ela percebeu que sua proximidade com as pessoas a fez ver diferenças entre os sujeitos. A estudante afirma ser “tímida” e, por isso, acredita que sua interação com os brasileiros é um pouco prejudicada. Entendemos que os estudantes estrangeiros entrevistados valorizam a interação com os colegas como uma forma de inserção e apropriação dos letramentos acadêmicos no Brasil e, a timidez, neste caso, pode ser um obstáculo nessa apropriação.

*“Na verdade, eu não tive dificuldades quanto ao falar, porque eu convivi muito com brasileiros lá em Cabo Verde. Aí, não tive tanta dificuldade assim. Quanto à língua, a única coisa é que eu sou muito fechada, sou muito tímida. Quando eu entrei na faculdade e convivi com as pessoas, eu tive muita dificuldade mesmo” (Jéssica – Bioquímica – 3 anos).*

Identificamos que o contato entre estrangeiros e brasileiros influenciou as identidades dos alunos estrangeiros e suas percepções sobre si e sobre os outros. Existem oportunidades em que esse contato acontece, afetando a identidade do estrangeiro por pessoas, ambientes ou situações. Desta mesma maneira, também existem momentos de interação entre os estrangeiros que são fundamentais para esse processo de construção identitária, que se manifesta a partir da formação de grupos, como quando Jéssica diz que:

*“[...] de vez em quando, nas férias, todos que são estrangeiros se reúnem. Fazemos comidas da nossa terra, dançamos, colocamos música e essas coisas, aí a gente vai se sentindo em casa” (Jéssica – Bioquímica – 3 anos).*

O pertencimento é algo dificilmente sentido pelos estudantes estrangeiros sem que parta deles a motivação de recordarem de seus países de origem. Como a UFSJ ainda está em um processo inicial de internacionalização, não há muitos estrangeiros matriculados. Porém, é comum, principalmente dentre os africanos, as reuniões organizadas na cidade de Belo Horizonte MG, uma vez que nesta cidade, a presença de seus pares é mais efetiva. Por não haver tantos estrangeiros na cidade de São João del-Rei, não podemos afirmar uma escolha pelo contato com brasileiros em detrimento de outros estrangeiros, mas sim, de uma identificação nesta interação e auxílio, já que ambos (estrangeiros e brasileiros) se veem como estudantes da mesma instituição, vivendo processos similares de apropriação, são, antes de tudo, universitários.

Durante a leitura e análise das entrevistas, percebemos a presença significativa de brasileiros nos momentos em que os estrangeiros precisam de auxílio. A relação entre estrangeiros e brasileiros é nítida quando Anderson diz:

*“[...] eu estudo sozinho, mas às vezes estudo com Mário [outro estudante entrevistado natural do Timor Leste]. Temos monitor, e de vez em quando vamos estudar com ele, e quando não entendemos a gente pergunta para ele” (Anderson – Engenharia de Produção - 2 anos e 11 meses).*

Diante disso é, principalmente, na presença dos amigos e colegas brasileiros que os estrangeiros compreendem os textos e realizam os processos de apropriação dos letramentos próprios do contexto acadêmico. Entretanto, as interações acontecem motivadas por outras práticas como por exemplo o grupo de orações universitário, espaço de socialização de brasileiros e estrangeiros, conforme nos indica Anderson:

*“O grupo de orações universitário foi nos ajudando muito, porque a gente é católico também. A gente se envolveu nas atividades de orações e eles [brasileiros do grupo] nos levaram para casa de outros amigos para rezar e conhecer essas atividades. Por isso nos adaptamos bem” (Anderson Timor Leste – Engenharia de Produção - 2 anos e 11 meses).*



Destacamos a centralidade da religiosidade no processo de acolhimento dos estudantes estrangeiros, mostrando que esse acolhimento não se constrói apenas na esfera acadêmica, mas também, a partir da criação de laços em interesses comuns. A fala de Anderson nos permite perceber a importância dos amigos brasileiros para o processo de adaptação e reconfiguração dos estrangeiros em outros contextos sociais, já que, nessa situação, a prática religiosa não se desfez, mas se refez, mesmo que em um país diferente com pessoas diferentes, consistindo, a religião, em um denominador comum para esse estudante. Certamente esses contatos por meio do grupo de orações também são essenciais para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita em língua portuguesa dentro e fora da universidade.

Quanto à leitura e escrita na universidade, sabemos que, para Anderson, a interpretação na língua portuguesa é um fator dificultador, mas que pode ser superado sempre quando há a presença dos amigos nos momentos de busca da compreensão. Na preparação de uma apresentação de trabalho, por exemplo, o estudante diz que:

*“[...] a gente [os estrangeiros] sempre pede para os meus amigos fazerem a interpretação e explicar um pouco para a gente entender e depois apresentar” (Anderson, Timor Leste, estudante de Engenharia de Produção).*

Logo depois, ele nos mostra que a ajuda é mais forte quando há brasileiros, uma vez que:

*“[...] a gente pede ajuda a alguns dos meus amigos timorenses que já moram há um tempo aqui, mas muitas vezes a gente pede ajuda para os brasileiros” (Anderson, Timor Leste, estudante de Engenharia de Produção).*

Anderson nos mostra que apesar de haver uma rede de apoio criada, em muitos casos, pela própria instituição, com a indicação de monitores e padrinhos voluntários, as relações pessoais criadas pelos estrangeiros com colegas advindos do mesmo país ou estudantes brasileiros que cursam disciplinas em comum, tem sido um fator preponderante para a constituição de sua identidade. Essa situação de interação é vista por Santos (2019) como uma das principais estratégias de apropriação de letramentos acadêmicos utilizada pelos estudantes estrangeiros. Para os estrangeiros entrevistados a relação é criada sem maiores empecilhos, diferentemente do que é constatado por Macedo e Barroso (2010), que evidenciaram que as relações de amizade e participações em grupos

de estudos ou trabalhos acadêmicos, juntamente a estudantes brasileiros era condicionada ao nível de conhecimento que os estrangeiros teriam de demonstrar nas aulas.

Na pesquisa de Macedo e Barroso (2010), os estrangeiros, mais especificamente, os estudantes africanos, necessitavam previamente demonstrar que eram capazes de participar e contribuir satisfatoriamente com as atividades, para se engajarem nos grupos. Ao contrário disso, a relação com os brasileiros nas entrevistas parece mais espontânea. Um fato que pode explicar essa diferença entre os estudos é o recorte temporal, uma vez que a pesquisa de Santos (2019) foi produzida quase uma década após a pesquisa de Macedo e Barroso (2010). Possivelmente após esse período os colegas brasileiros passaram a perceber a crescente presença dos estrangeiros na instituição, favorecendo maior familiarização e compreensão das diferenças interculturais.

As dimensões culturais, sociais, políticas, ideológicas e históricas são nítidas nas práticas sociais de leitura dos alunos estrangeiros, como também há tais dimensões intrincadas na (re)significação de novas identidades permeadas pelas mudanças socioculturais, históricas e subjetivas deles no ambiente acadêmico, como pode ser visto no excerto de entrevista apresentado abaixo:

*“Eu acho que eu tive o comportamento contrário do habitual, porque eu acho que o habitual era chegar aqui, ficar mais em casa... Pelo contrário, eu moro com quatro meninas, [...] eu fui muito bem recebida aqui em casa [...]eu saía, eu conversava, tanto que eu devia ter alguma proximidade, acho que maior com Joaquim ou com os outros meninos estrangeiros que moram aqui, mas eu sou o contrário, é um pouquinho estranho, mas eu lido muito mais com os brasileiros do que com eles [estrangeiros]” (Marisa – Engenharia Agrônômica – um ano e 11 meses).*

Quando Marisa nos diz isso, fica evidente a (re)significação identitária devido a interação com os brasileiros, fazendo surgir um reconhecimento dessa identidade formada para um maior aproveitamento do espaço e do tempo em que ela passa no Brasil. “os sujeitos desempenham papéis na relação e na interação com os outros e com os objetos discursivos” (FISCHER; PELANDRÉ, 2010, p. 571) para se constituírem no processo de Letramento Acadêmico. No caso em tela, Marisa assume estranheza ao analisar seu próprio comportamento ao buscar relações com estudantes brasileiros em contraposição aos colegas do continente africano que ela já conhece. Nessa fala é possível indicar que a

familiaridade se encontra apartada apenas das relações estabelecidas a partir da nacionalidade dos sujeitos.

Ao expor sua vontade de aprender, conhecer, interagir e participar do contexto em que ela está inserida, essa entrevistada diz que:

*“[...] é uma questão de interesse, minhas amigas sentavam comigo. Ninguém é daqui também, todo mundo saiu de sua casa, a diferença é que a gente saiu de um país, mas todo mundo que está aqui saiu de sua casa” (Marisa – Engenharia Agrônômica – um ano e 11 meses).*

Diante do exposto, é perceptível a sua visão sobre os outros e o reconhecimento de uma mesma condição, mesmo com base em sujeitos provenientes de países diferentes. Para Marisa, brasileiros e estrangeiros partilham da mesma condição: ambos saíram de suas casas e, conforme seu relato, não importa se saíram de um país ou de uma cidade. Todos são igualmente estrangeiros na cidade em que a universidade se situa. Por meio desta passagem podemos compreender que existem identidades que estão compondo essa formação de uma nova identidade, pois “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2003, p. 11).

A partir das interações cotidianas, dentro e fora do ambiente acadêmico, em diferentes práticas sociais, os estudantes tiveram oportunidade de se aproximar dos brasileiros, o que influenciou suas reconfigurações identitárias. No diálogo, no auxílio, no modo de agir diante das situações e, sobretudo, no entendimento do outro, esses sujeitos foram agentes construtores das suas próprias identidades e influenciadores na construção da identidade dos outros ao seu redor.

A consciência de que o interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas é formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, em que media para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele habita (HALL, 2003, p. 11).

É no olhar para si próprio, que podemos transformar nossas ações a partir das necessidades que vão surgindo em meio a situações cotidianas. De fato, não somos seres isolados. Ao contrário, dependemos fortemente das interações, do contato com o outro

para o desenvolvimento da identidade, valores e crenças (HALL, 2003) individuais. Dessa maneira, entendemos que Marisa reconheceu a si mesma no seu contexto e passou sozinha por esses momentos, mas indiretamente, teve pessoas que a auxiliaram no processo de adaptação no tempo e espaço. Pessoas essas, que não estavam presentes na situação, mas que a ajudaram na compreensão social desta.

É nessa troca intersubjetiva, entre aquele que não compreende muito bem as relações sociais, devido à diferença linguística e cultural, e aquele que ajuda na compreensão destas que ocorrem reconfigurações identitárias. É a partir dessa interação que “as identidades são mostradas a nós como diversas e mutáveis, pelo diferente contexto social em que se transformam e ganham sentido as práticas letradas” (SILVA; ASSIS; BARTLETT, 2013, p.13). É fato que:

A ação do letramento envolve um processo de aprender a ler e escrever que ultrapassa a interação com letras, sílabas, palavras ou textos, pois nele se inscreve um trabalho crítico e interacional, da parte das pessoas, na construção e representação de suas identidades sociais (SILVA, ASSIS, BARTLETT, 2013, p. 15).

Durante o processo de Letramento Acadêmico dos estudantes estrangeiros, a escrita e a leitura enquanto uma prática social, fazem parte da (re)significação identitária dos sujeitos, que estão aprendendo a partir de outra língua conceitos e conhecimentos da área em que cada um se insere. Além de conquistarem a compreensão dos conteúdos inerentes aos cursos escolhidos, os estudantes estrangeiros também estão seguindo um caminho de compreensão de um idioma diferente do seu, de uma cultura diferente da sua, em meio ao amadurecimento, à construção identitária que se faz e refaz para além do contexto universitário. Passamos as nossas considerações finais.

## Considerações Finais

Neste estudo, identificamos situações em que as mudanças identitárias estão presentes na experiência cotidiana universitária e no processo de construção dos letramentos acadêmicos de estudantes estrangeiros. Neste processo de reconstrução epistemológica, foi possível articular os letramentos acadêmicos ao conceito de identidades, para afirmar que “os usos da linguagem estão diretamente relacionados com

as ‘construções identitárias’ dos sujeitos, compreendendo que essa concepção se realiza “discursivamente, conforme os sujeitos se engajam em diferentes práticas sociais mediadas pela escrita” (BRAGANÇA; BALTAR, 2016, p. 7).

A relação entre sujeito e identidade nas práticas de letramentos acadêmicos dos estudantes estrangeiros acontece nos diferentes espaços, dentro e fora da universidade. Eles são, ao mesmo tempo, sujeitos aprendizes de uma universidade pública brasileira e também são estrangeiros, que têm modos de ser e agir baseados em uma cultura e uma língua diferentes do país em que se encontram nesse momento. A interação com os brasileiros é essencial para a apropriação da cultura e identidade acadêmica ao longo do percurso. Vemos ao longo das entrevistas a mobilização de letramentos que levam a uma identificação (HALL, 2003; 2006) dos estudantes com o contexto universitário, tais como as relações sociais estabelecidas, as práticas letradas que permitem a fixação dos conteúdos estudados como as anotações e resumos em língua portuguesa e a busca pelo engajamento em práticas sociais tipicamente acadêmicas como a presença em congressos e/ou outras atividades oferecidas pela instituição.

Além disso, sabemos que essas construções de identidades possuem um elo forte com os usos da língua, pois é um processo construído discursivamente, a partir do envolvimento dos sujeitos nas práticas sociais, em que leitura e escrita são constitutivas. Durante o processo de apropriação de letramentos acadêmicos dos estudantes estrangeiros, a escrita e a leitura fazem parte de sua construção identitária, já que eles estão aprendendo a partir de outra língua conceitos do contexto dos cursos nos quais estão inseridos. Todavia, para ajustar-se aos padrões do Ensino Superior, os estudantes utilizam os seus próprios conhecimentos sobre a língua e interação com os colegas brasileiros, em suas práticas letradas.

É neste processo que identificamos identidades multifacetadas e heterogêneas, que perpassam por um processo contínuo de (re)construção. Além de conquistarem a compreensão dos conhecimentos inerentes à formação profissional, eles também estão seguindo um caminho de compreensão de um idioma diferente do seu. Portanto, nesta pesquisa, procuramos compreender a complexidade da relação entre sujeito e identidades nas práticas de letramentos acadêmicos dos estudantes estrangeiros. Ao se encontrarem na condição de aprendizes de uma instituição pública brasileira, esses estudantes possuem modos de ser e agir baseados em uma cultura e em uma língua diferentes em um ambiente

estranho e passível de tensões. Não obstante, os dados indicam que a universidade pode ser um ambiente de interação, de solidariedade e compreensão mútua, capaz de (re)significar as identidades dos estudantes estrangeiros e dos próprios brasileiros.

Sobre os desafios, remetemo-nos não apenas às entrevistas analisadas neste artigo, concedidas por Laura, Anderson, Jéssica e Marisa, mas também trazemos algumas considerações estabelecidas por Santos (2019). Em primeiro plano, a UFSJ é uma universidade de pequeno porte e que ainda mantém suas ações de internacionalização de uma forma incipiente. Não são muitos os estudantes estrangeiros transitando na instituição semestralmente, algo que impacta no contato destes com seus pares, limitando suas manifestações culturais. Essas manifestações acabam ocorrendo em outros espaços, em sua maioria, quando eles viajam para Belo Horizonte e se encontram com seus pares, matriculados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em bares e festas temáticas. Essa potencialidade de manifestação cultural poderia ser melhor aproveitada pela UFSJ para que as relações entre estrangeiros e brasileiros se tornassem ainda mais próximas.

Outra debilidade que merece destaque é o uso da língua nos espaços da universidade. Como temos debatido, países lusófonos não se comunicam pelo que denominamos como *português brasileiro*, mas sim, pelo *português cabo-verdiano* ou *português timorense*, por exemplo. Há uma crença de que os estudantes de países lusófonos não necessitam participar de cursos de língua portuguesa para estrangeiros, algo que poderia facilitar a entrega de atividades em português escrito, fator que enseja dificuldades, tendo em vista os usos sociais que esses estudantes fazem da língua no Brasil e em seus países de origem. Por fim, outra preocupação que já tem sido apontada por outras pesquisas realizadas no âmbito do GPEALE é o preconceito racial sofrido pelos estudantes africanos que enseja violência e suspeitas sobre suas identidades unicamente em decorrência de sua raça. Muitos deles indicam que não conheciam o racismo até adentrarem no Brasil (ver por exemplo Macedo, 2022).

Às instituições, acreditamos que buscar alternativas para que uma relação amigável seja estabelecida entre estrangeiros e brasileiros seja essencial para que práticas como a internacionalização em casa possam ser desenvolvidas. Sabedores da lacuna evidenciada pelos estudiosos do campo dos letramentos acadêmicos entre o Ensino Médio e o Ensino Superior, alternativas válidas podem ser delineadas para que os estudantes

sejam suficientemente esclarecidos nas expectativas demandadas pelo contexto acadêmico. Assim, o discurso do déficit poderá ser superado, com a compreensão da subjetividade dos estudantes estrangeiros. Para que passemos a desenvolver práticas de internacionalização efetivas, é essencial que, em primeira medida, busquemos investigar como os estudantes estrangeiros recebidos em nossas instituições são, de fato, inseridos nelas. Eles podem se tornar importantes agentes de internacionalização, em meio ao contato com os estudantes brasileiros.

## Referências

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103. 2013.

BRAGANÇA, M. L. L., & BALTAR, M. A. R. Novos estudos do letramento: conceitos, implicações metodológicas e silenciamentos. **Imagens da Educação**, v. 6, n. 1, p. 3-12, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/25321>. Acesso em: 10 out. 2022.

BOURDIEU, P. Compreender. *In.*: BOURDIEU, P. (Coord.) **A miséria do mundo**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 693-732.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR CAPES. **A Internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. Diretoria de Relações Internacionais. Ministério da Educação, 2017.

FIAD, R. S. A pesquisa sobre a reescrita de textos. **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Universidade de Évora: SLG, 2009.

FIAD, R. S. Uma prática de letramento sob análise. *In.*: FIAD, Raquel Salek. **Letramentos Acadêmicos: contextos, práticas e percepções**. 1. ed. São Carlos: Pedro e João Editores. p. 201-222. 2016.

FISCHER, A., PELANDRÉ, N. L. Letramento acadêmico e a construção de sentidos nas leituras de um gênero. **PERSPECTIVA**, Florianópolis. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p569>. Acesso em: 10 out. 2022.

GUSMÃO, N. M. de. “Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. **Dimensões**, vol. 26, 2011, pp. 191-204. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2568>. Acesso em: 20 mai. 2018.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

IVANIČ, R. **Writing and identity**: the discursal construction of identity in academic writing. Amsterdam: John Benjamins Publishin Company, 1998.

KNIGHT, J. **Internationalization Remodelled**: Definition, Approaches and Rationales, *Journal of Studies in Internationalization Education*. Sage Publications, v.8, n.1, 2004, p. 05-31.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in highereducation**, v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.

LILLIS, T.; SCOTT, M. Defining academic literacies research: Issues of epistemology, ideology and strategy. **Journal of Applied Linguistics**, London, 4, p. 05-32, 2007.

MACEDO, M. S. A. N.; BARROSO, N. P. Práticas de letramento acadêmico de estudantes-convênio de graduação: uma análise das relações entre língua e identidade. **Revista Brasileira de Pedagogia**, Brasília. v. 91. n. 229. p. 604-621. 2010. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/2894>. Acesso em: 10 out. 2022.

MACEDO, M. S. A. N. Internacionalização do ensino superior: uma perspectiva decolonial. **Anais de Colóquios de Políticas e Gestão da Educação**. UFSCAR, n. 1, p. 91-103, 2020. Disponível em: <https://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/743/1022>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MACEDO, M. S. A. N. Internacionalização do ensino superior e cooperação educacional: o caso do pec-g na voz dos estudantes. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 27, n. 02, p. 305-325. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/ywCpHLSzqQs4gp4p7PY9shS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 28, p. 107-124, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/k4qqgRK75hvVtq4Kn6QLSjy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022.

PATTERSON, G. **The University from Ancient Greece to the 20th Century**. The Dunmore Press. 1997.

SANTOS, P. A. D. G. C. **Letramento Acadêmico e Estratégias de estudantes estrangeiros da UFSJ**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei, 2019.

MACEDO, M. S. A. N.; GOMIDES, P. A. D. O PEC-G e a internacionalização da universidade. **Debates em Educação**. Maceió, v. 12, n. esp. 2, 2020. Disponível em:



INTERNACIONALIZAÇÃO E MOBILIDADE ESTUDANTIL: IDENTIDADES DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS (RE)SIGNIFICADAS PELOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO, O CASO DA UFSJ. GOMIDES, PAULA A. D. MACEDO, MARIA D. S. A. N. ALMEIDA, GRAZIELLY A. D.

<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10355>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, J. Q. G.; ASSIS, J. A.; BARTLETT, L. Letramento e identidade: questões em estudo. **Scripta**, [S.l.], v. 17, n. 32, p. 9-22, jul. 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/8739>. Acesso em: 10 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018**. São João del-Rei: UFSJ, 2014. Disponível em: [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pdi/pdi\\_2014\\_2018/pdi\\_2014\\_2018.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pdi/pdi_2014_2018/pdi_2014_2018.pdf). Acesso em: 02 ago. 2020.

**Revisores de línguas e ABNT:** Paula Aparecida Diniz Gomides (Assessoria Acadêmico-Científica)

**Submetido em 06/03/2022**

**Aprovado em 16/11/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)